

Antônio Mora

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA METAFÍSICA — Prefácio

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA METAFÍSICA

Prefácio:

É próprio de todas as épocas — sobretudo se se sabem cultas — julgar que tocaram um limite. Volvem os olhos ao passado e parece-lhes que tudo já foi dito; trazem os olhos ao presente, e parece-lhes que já tudo se estudou. O que falta fazer parece-lhes que é ou a tarefa quotidiana da ciência, nada revelando que dê novas ao espírito, ou o trabalho paciente da erudição, somando parcelas conhecidas ou inúteis de se conhecer. N'essas épocas, em verdade, parece ter-se tocado o extremo do conforto, da ciência possível, da erudição aproveitável. E mais um modo que se descubra de facilitar a vida, mais um detalhe que se acrescente ao que sabemos da superfície dos seres, mais um manuscrito que se encontre nos recantos de um repositório inexplorado — por certo que nenhuma d'estas coisas trará novas visões, inverterá o especial sentido da realidade e da vida que se atingiu.

Triste é a alegria d'estas épocas, e falsa a sua segurança. A sua alegria é triste, como não tarda que soe nos cantos dos seus poetas, porque nenhuma concessão mais grata à alma nos fez a misericórdia dos deuses (do Destino) do que a de mudar e de variar. E a sua segurança é falsa, porque nunca se chega a um limite, nunca se esgota a novidade, e há sempre novos caminhos por onde abra a marcha renovada quem nasceu com o dom de os encontrar.

Aos gregos, que parecera haverem dito tudo, escapou pensarem como Kant. Veio este — não importa se errou ou acertou — e um livro seu mudou a face às coisas. Com ele vieram poetas e prosistas que deslocaram o sentido da Vida e da Realidade. E, ou acertassem ou não, ou se aproveite ou não o que fizeram, certo é que trouxeram a uma civilização que parecia nada ter que mudar no seu espírito perante as coisas, um novo ponto de vista, uma nova maneira de visão, a que o ser talvez errónea, ou o ser quiçá doentia, não arranca ser inteiramente nova e inesperada de todo.

Assim nada descansa, e acontece sempre o que não se espera. Surgem novos pensamentos. Novos cantos sobem aos céus. E é privilégio de certas épocas, em

geral cansadas e adoecidas, ver aproar à sua consciência naus carregadas de especiarias ignotas ainda.

Este erro usual acontece mais do que a nenhuma época àquela que as nossas vidas atravessam. Mais do que nenhuma outra ela é, deveras, educada na ciência e na erudição. Porque chegou a certo grau de decadência, e lhe rareiam poetas, filósofos e chefes, parece-lhe que já tudo foi cantado, que já tudo foi pensado, que já tudo foi levado a um fim. Não concebe o que de novo lhe viria trazer um novo Poeta. Não lhe cabe na imaginação qual possa ser — em que sentido — a obra importante de um novo Filósofo. E como esgotou as teorias em política, e as perturbações na vida social, tão-pouco concebe que um Guia apareça que dê a tudo um novo sentido e um inédito caminho.

Como ao mesmo tempo que são cultas e eruditas, essas épocas são decadentes, e como, por decadentes, lhes não sobram poetas nem pensadores, este facto, que se soma ao sentido da vida que a sua larga erudição ensina, mais lhes parece indicar que nada de novo e de grande se poderá produzir na arte e no pensamento, visto que, de feito, sob seus olhos, ali, nada de novo estão produzindo os poetas e os pensadores.

Falo mal, dizendo de uma época «ela pensa», «ela vê». Quem vê e pensa estas coisas, que, abstraindo, atribuo à época, são os seus espíritos superiores e educados. Na ralé intelectual é de uso dar-se o fenómeno oposto. Aí todo o boticário do pensamento lhes parece um Platão ou um Aristóteles, e os improvisadores de fados têm a sua hora de Dantes. . .

O resto dos que vivem n'essas épocas não interessa ao nosso assunto. Um povo ou indiferente ou agitado, sem coerência nem disciplina, sem norte nem afinco, escravo dos seus imperadores ou dos seus tribunos, sem saber o que quer ou o que faz, estorvando tudo e tudo (. . .) pulula, vermes que se agitam na sombra.

Mais do que em outra disciplina, na filosofia se nota, nas épocas cujo quadro venho traçando, essa impressão de que acabou a novidade e de que nada de novo pode haver. E a razão não está longe da nossa busca. Nos outros elementos da vida social muitas coisas se chocam e muita gente entra. Na filosofia poucos são os que se interessam e portanto é fácil ver qual a sua orientação geral em tal período, conhecer os seus cultores mais importantes, traficar com os seus professores de mais saber. E como se trata de uma ciência que não é de observação ou de pesquisa, onde novidades podem conceber-se como surgindo

de chofre — se bem que se não concebiam de grande vulto —, aqui, porque se trata de uma ciência que é só do pensamento e que cada qual, de certo modo, pode praticar a sós consigo, é fácil de se supor que, meditando bem, se podem classificar todos os sistemas possíveis e delinear todos os caminhos por onde se pode seguir. O que feito, e feito com escrúpulo, nada parece poder aparecer em matéria filosófica que represente uma surpresa ou uma novidade.

A nossa época, mais do que nenhuma outra, possui esses característicos. Mais do que nenhuma outra acumulou cultura e erudição, e mais do que nenhuma outra viu bem o passado e lhe sondou as riquezas.

s. d.

Pessoa Inédito. Fernando Pessoa. (Orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Livros Horizonte, 1993: 250.